

# O machismo, em finanças, é ridículo

Otávio Tirso de Andrade

Após a reunião do FMI, em Seul, é de se esperar que o ministro Dílson Funaro compreenda a inani-dade das vociferações "nacionalis-tas" contra aquela instituição. A gritaria dos ignaros não dará solu-ção aos problemas financeiros, eco-nômicos e sociais do País. Os mili-tantes do PT, os saturnídeos do sr. Braga-Brizola e os marxizados dos grupelhos emergidos da clandestini-dade querem ver o circo pegar fogo. A meta desse pessoal — pre-sente, inclusive, em vários escalões do governo — é a subversão da de-mocracia com vistas à implantação de um regime populista idêntico aos que devastam as nações africa-nas. Quanto mais depressa essa verdade for assimilada pela opinião pública, mais rapidamente encurta-remos o período a transcorrer entre o atual regime — legal, mas ilegí-timo — e o advento de uma demo-cracia sem qualificativos. A prosse-guirmos na átroada crescente, a próxima Assembléia Constituinte desembocará em uma Convenção Revolucionária. Tal como ocorreu na França do século XVIII.

O machismo em finanças e ad-ministração pública é ridículo, inepto e sintomático de debilidade de espírito. No intervalo de suas ati-vidades intelectuais — o último ver-sinho declamado às crianças, no Planalto, é uma joiazinha da litera-tura das antigas folhinhas ilustra-das —, o sr. presidente Sarney deve-ria convidar os seus corregelioná-rios — e ele os tem? — a se portarem com mais circunspeção nos deba-tes a propósito da dívida, do comér-cio exterior e da política externa em geral. O momento não recomen-da ao governo consentir na conti-nuação do espetáculo montado nos meios de comunicação por politólo-gos, sociólogos e economistas a seu serviço, os quais estariam mais ade-quadamente situados nas platafor-mas rotativas dos carros de présti-tos carnavalescos.

O governo só não acertará na condução da política financeira e econômica se não quiser ou for ex-cessivamente fraco. No documento "Estratégia de Estabilização Eco-nômica", que se tornará histórico, o ex-ministro Francisco Dornelles advertiu serenamente: "Há riscos graves de descontrole monetário e inflacionário já a partir de julho, diante do virtual esgotamento dos instrumentos paliativos até agora utilizados na condução da política econômica. Urge, por outro lado, que sejam ultimados os entendi-mentos com o Fundo Monetário In-ternacional e os bancos estrangei-ros para que se obtenha a efetiva normalização do setor externo da economia. Esses entendimentos re-pousam, também, no equaciona-

mento do desequilíbrio interno. Não se podem esperar, portanto, re-sultados satisfatórios desses enten-dimentos na ausência do sanea-mento do setor público".

O discurso do sr. de Larosière, lá na Coréia do Sul, repetiu com outras palavras o que disse o ex-ministro Dornelles. Uma vez que, como todos sabem, santo de casa não faz milagres, as mesmas pala-vras do brasileiro, ditas pelo fran-cês, talvez logrem audiência bené-vola em Brasília.

Em sua estréia na cena interna-cional, o ministro Funaro deve ter tido ocasião de verificar, também, que os desaforos endereçados por certos demagogos brasileiros ao FMI não são os primeiros nem se-rão os últimos na vida da institui-ção. Por sua própria natureza o FMI é insensível às caretas dos maus pagadores. Criado para so-correr desequilíbrios nas contas ex-ternas dos Estados-membros e combater a inflação o FMI expõe-se, profissionalmente, a ser o bode expiatório de governantes ineptos e multidões semi-alfabetizadas.

As ameaças de "ruptura com o FMI" e "moratória unilateral", par-tidas de governantes de um país da dimensão do Brasil — isto aqui não é o Peru —, não mais suscitam risos entre os civilizados. Infundem-lhes comisseração por ser mais do que evidente que o povo brasileiro, seus trabalhadores e empresários não merecem a classe de políticos e ad-ministradores que têm.

Além de tudo, a par da dívida brasileira, há questões muito mais importantes a requererem a aten-ção dos líderes ocidentais. A prová-vel queda nos preços internacionais do petróleo poderá acarretar a fa-lência de bancos que financiaram pesquisas e exploração de jazidas quando os preços do barril anda-vam em torno de 30 dólares. Uma debandada na quadrilha da Opep poderá paralisar as sondas no Mar do Norte e no Alasca e arrastar grandes bancos internacionais à quebraadeira.

Mas não é só. A dívida da agri-cultura norte-americana nos ban-cos particulares do país é igual à soma total dos débitos externos do Brasil e do México. Ultrapassa 200 bilhões de dólares! A alta no preço da terra a partir de 1981 torna qua-se impossível aos fazendeiros de lá pagarem, por si mesmos, os débitos assumidos. A produção não remu-nera mais, como anteriormente, o capital investido na compra das fa-zendas. Não temos dúvida: o Con-gresso americano socorrerá os la-vradores. Mas o fato é digno de re-gistro para fazer o nosso governo compreender que, no Congresso, em Washington, a lavoura dos EUA

passa na frente das estatais brasi-leiras em matéria de socorro a endi-vidades.

O que o governo tem a fazer, portanto, não é mobilizar-se e aos seus seguidores para empreender uma "guerra" que resultará, inevi-tavelmente, em uma espécie de Fal-klands financeira. Deve agir como recomendam cidadãos da compe-tência e descortínio do senador Ro-berto Campos, da prudência e fir-meza do sr. Francisco Dornelles, da lucidez e experiência do sr. Otávio de Bulhões, da serenidade e corre-ção do professor Antônio Dias Leite e tantos outros patriotas autênti-cos; é pôr fim imediato ao descala-bro das contas do Estado; é lutar contra o déficit orçamentário e a bacanal nas estatais; é acabar de uma vez por todas com os emprésti-mos externos para novos investi-mentos em empresas públicas; é re-correr à poupança particular nacion-al e estrangeira para dar prosse-guimento a empreendimentos em curso e criar novos negócios; é re-duzir à expressão mais ínfima o re-pugnante estatismo, apesar da gri-taria e lamúrias da "privilegentia" amamentada com cheques caídos do céu todo o fim de mês.

"Ao considerarmos objetiva-mente o problema da dívida exte-rior dos subdesenvolvidos, é evi-dente que a incapacidade manifes-ta de alguns dentre eles de fazer frutificar os imensos recursos reais que lhes foram entregues pelos Es-tados capitalistas avançados, des-de 1945, é sintoma adicional da fla-grante incapacidade da maioria dos governantes desses países", es-creve Carlos Rangel em "L'Occident et le Tiers Monde".

A exploração política do rancor dos devedores contra os credores não alterará para melhor o melan-cólico cenário econômico-social do Terceiro Mundo. Nunca, jamais, em tempo algum a demagogia alçou-se a sucedânea da competência.

Ao fim destas linhas, ao lem-brar-se de notícias de "retomada do nosso milagre econômico" e outras baboseiras do mesmo quilate, tal-vez haja leitor que me considere cético em meus comentários. Não repilo a eventual qualificação. Mas é preciso que se tome a expressão ceticismo em seu sentido etimológi-co e filosófico. Porque, como ensina o meu velho, querido e sempre lido don Miguel de Unamuno, "cético não quer dizer o que duvida, mas o que investiga e procura, por oposi-ção ao que afirma e acredita haver achado". "Hay quien escudriña un problema e hay quien nos da una formula, acertada o no como solución de el." Ora, como bem sa-bemos, de fórmulas estamos todos cheios até os gorgomilos.